cava necessidades locais e ativava toda a cadeia.

Mais recentemente o fenômeno atigiu também a indústria de suco de laranja e a produção de álcool. Nesses segmentos da agroindústria o problema está em encontrar mercado para os produtos e não na produção em si. O atual contexto é de superprodução e redução de preços. Muitas unidades produtivas estão convivendo com enorme capacidade ociosa. Conhecendo o mercado e possuindo os canais de distribuição, alguns agentes coordenadores estão alugando instalações industriais, comprando matéria-prima e distribuindo o produto sob sua bandeira.

Exemplos não faltam

Recentemente, uma grande empresa esmagadora de citros simplesmente se retirou da produção e vendeu todos os seus ativos. Embora deixasse de produzir, a empresa não se retirou do mercado; apenas partiu para o arrendamento de instalações ociosas e a comercialização do produto.

DO CONHECIMENTO *e acesso às fontes de suprimento até o segredo industrial, passando pelo alto custo dos equipamentos envolvidos na produção, tudo era inacessível aos que se aventuravam. Hoje as barreiras se reduziram ou foram eliminadas.*

O mesmo tem ocorrido com as empresas supermercadistas ou comerciais de maneira geral, que vêm desenvolvendo fornecedores para a fabricação de suco de laranja pronto para beber sob a marca do varejo.

No caso da produção de álcool também já se verifica uma grande movimentação de empresários constituindo empresas comercializadoras com o objetivo de comprar excedentes a partir de contratos de venda já firmados no exterior ou junto às distribuidoras.

Em muitos casos, este novo papel de coordenação da cadeia parece estar apontando uma tendência para a agroindústria, com as características de uma produção que é capturada e se torna auto-ativada pela demanda. Em outros casos, que merecem mais atenção, a coordenação privada está substituindo aquele papel que era exercido pelo governo no tempo em que havia um volume mais significativo de crédito agroindustrial, incentivos à exportação, controles alfandegários e estoques reguladores públicos.

Recentemente, uma grande empresa deixou de produzir e partiu para o arrendamento de instalações ociosas para comercializar o produto.

Walter Belik é professor do Instituto de Economia e coordenador do Núcleo de Economia Agrícola da Unicamp. E-mail: belik@eco.unicamp.br.

Pecuária leiteira

Realidade e futuro

Uma análise mostra uma produção modelar ao sul. Mas o Brasil é ainda uma grande promessa

ALZEMAR JOSÉ DELFINO

Na Argentina, a pampa úmida, a terra naturalmente fértil, as forrageiras de inverno, o clima propício para o cultivo e a criação de animais leiteiros e outras facilidades geoclimáticas permitem aos criadores produzirem "leite a pasto". Tudo concorre para atenuar a estacionalidade da produção.

Os produtores argentinos naturalmente se tornaram profissionais da pecuária leiteira. Formaram um rebanho com alto grau de aptidão leiteira – o gado holando-argentino ou GHA; inseriram tecnologia no processo de produção mediante ordenhadeiras mecânicas, máquinas e equipamentos necessários à produção de alimento do rebanho – e os fornecedores de máquinas e insumos acompanharam a evolução do setor; capacitaram sua mão-de-obra, ganharam escala, capacidade de investimento, padronização e sobretudo solidariedade.

Com 25 mil produtores, ou apenas 2% do total dos brasileiros, e média diária de 1 mil litros de leite por fazenda, ou 2.000% a mais em relação ao Brasil, os argentinos têm 95% de sua produção na economia formal e 92% de granelização e refrigeração.

Os dois vizinhos

O Uruguai apresenta as mesmas características de solo e clima da Argentina. Por isso a atividade primária é de alta capacidade produtiva e baixos custos de produção, com predominância de gramíneas e leguminosas de alto valor protéico. A atividade é altamente mecanizada e o rebanho tem aptidão leiteira: gado holando-uruguaio – GHU –, descendente do gado canadense e americano.

As instalações para acomodação e alimentação do gado são bastante simples em relação aos outros países. A sobra de capital é revertida em equipamentos e máquinas, em melhoria da qualidade da terra e capacitação da mão-de-obra.

A sanidade do rebanho é controlada diretamente pelos agentes de saúde, a fiscalização é rigorosa e o processo de vacinação foi uma rotina na vida do produtor até o país se ver livre de doenças como aftosa e brucelose.

A presença do governo foi fundamental para a transformação da pecuária leiteira dos dois países, tanto na forma de organi-

zar o setor produtivo e industrial como no fomento da produção.

Estrutura e know-how

A estrutura laticinista (cooperativas de laticínios) é enxuta, concentrada (SanCor, Mastellone e Nestlé na Argentina e Conaprole no Uruguai), com alto grau de tecnologia na captação do produto e além disso produção estável garantida o ano todo, o que permite melhor planejamento das indústrias em relação a preço, volume de exportação e políticas de longo prazo.

É grande o *know-how* em relação à exportação: apresentam excedentes de produção e trabalham com o mercado externo há anos. Esta característica é básica para o comércio exterior, facilita a transação e possibilita a abertura de novos mercados.

O gado desses países não apresenta ecto e endoparasitas – carrapatos, piolhos, bernes, sarnas, vermes pulmonares e intestinais – já que a vermifugação é realizada uma vez ao ano, minimizando o gasto com medicamentos e vermífugos. A suplementação mineral quase não é necessária, pois as pastagens suprem as necessidades básicas do rebanho. O preço da matéria-prima da indústria láctea nesses países é um dos mais baixos do mundo.

Energia para dar e vender

A atividade não chega a ser tão expressiva no Paraguai. Mas o país apresenta uma característica necessária a todos que trilham o caminho do crescimento: energia farta e barata. Sem essa condição, os países terão que buscar novas alternativas para inserção de tecnologias no processo produtivo.

O caso brasileiro exemplifica bem esse problema: com o novo processo de granelização do leite, a instalação dos tanques de expansão nas fazendas sobrecarregou as fontes de energia de determinadas regiões. Com isso as redes elétricas estão sendo desativadas a todo momento e suas chaves desarmadas. Cada propriedade tem que montar um gerador de energia, onerando o produtor rural e encarecendo o custo de produção.

O Paraguai também apresenta boas terras e gado com aptidão leiteira. Sua estrutura leiteira produtiva é passível de se modificar, aliando organização dos produtores e políticas públicas e privadas voltadas para a atividade num futuro muito próximo.

O caso do Brasil

O Brasil, apesar de grande importador de produtos lácteos, tem um grande potencial para reverter esse processo e se tornar grande exportador de nível internacional. Com mais de 1 milhão de produtores e dimensão continental, várias formas de exploração da pecuária leiteira, baixa qualificação da mão-de-obra e outras características negativas impedem o país de elevar a produção de leite. Em termos tecnológicos, a pecuária leiteira brasileira é bastante atrasada, com baixos índices de produção e produtividade por estabelecimento, embora com grande potencial produtivo e de redução de custo de produção.

O APOIO DO GOVERNO *foi fundamental para transformar a pecuária leiteira da Argentina e do Uruguai. Com essa condição, o Brasil pode se tornar um poderoso produtor mundial de leite em pouco tempo.*

Na produção primária, existe longo caminho a ser trilhado: melhoramento genético, manejo adequado, produção de rações e suplementação balanceada, instalações adequadas e baratas, controle sanitário, melhoramento da fertilidade da terra, capacitação da mão-de-obra, melhoria na qualidade do leite. Mesmo na falta de tudo isso, o Brasil é o sexto maior produtor mundial.

Se todas ou parte dessas medidas forem tomadas pelos setores privado e público, o Brasil pode se tornar um poderoso produtor mundial de leite em pouco tempo. Bastam a união dos produtores, fator preponderante, o comprometimento do governo e do setor privado em adotar políticas de reestruturação da atividade e trabalho, muito trabalho.

Vantagem brasileira

No beneficiamento do leite – cooperativas e laticínios –, a estrutura brasileira está mais bem capacitada do que a de seus parceiros de Mercosul. O parque industrial da atividade leiteira tem melhor base tecnológica e nível de competitividade mais acirrado. O produto final, mesmo com um custo de produção mais caro, não tem preço tão elevado ao consumidor, respeitando o mecanismo de mercado – demanda e oferta: o preço ao consumidor não é tão alto quanto o argentino, quando comparado ao que é pago ao produtor, o que significa que as margens de industrialização e comercialização não são tão altas quanta as argentinas.

As terras de cerrado apresentam capacidade de produção barata. Apesar de não serem férteis como as do pampa úmido, têm grande potencial de produção de volumoso e grãos necessários à alimentação do animal. Terras planas que facilitam a mecanização do plantio à colheita, grande luminosidade que possibilita alto grau de crescimento das plantas, muita água – fator fundamental para a irrigação – e situação geográfica privilegiada ao escoamento da produção.

Dois sistemas de produção

O Brasil é o único país que tem condições de adotar dois sistemas de produção leiteira produtiva. O primeiro, o leite do cerrado – "a pasto", com terras abundantes e características propícias para a rotação de culturas anuais com pastagens, integrando agricultura e pecuária –, tem se mostrado eficiente à medida que se desenvolvem tecnologias para manter o solo produtivo por um longo período de tempo. Faz-se necessário o manejo correto dos animais, o uso de fertilizantes e o uso de irrigação durante o inverno para determinadas forrageiras.

No segundo, o chamado "leite confinado", os animais permanecem a cocho o ano todo recebendo volumoso e suplementação de concentrado e mineral. Esse modelo exige nível maior de investimento – instalações, máquinas e equipamentos, qualificação de mão-de-obra, gado com alto valor genético e outros –, dentro do modelo chamado *free stall* ou confinamento permanente.

A grande vantagem brasileira em relação

aos outros países está justamente no que está por vir, por fazer; na implementação de um programa de mudanças no padrão da produção leiteira, processo que já ocorreu nos países hoje com alto grau de tecnologia e competitividade. A transformação revogaria o sistema arcaico de produção e moldaria a atividade no nível da concorrência internacional.

Problemas e promessas

Portanto, os problemas são ao mesmo tempo exemplos da potencialidade brasileira. Hoje é um risco o produtor deixar de investir e de acreditar no futuro do mercado de leite. Há muito espaço para crescer com pequeno investimento. O melhoramento genético por exemplo representa um grande acréscimo de produtividade, porque o rebanho brasileiro ainda é pouco especializado na produção leiteira. Pouca coisa que se faça representa um grande salto em produção.

O país tem ainda muitas áreas a ser exploradas, permitindo produzir mais alimento para os animais e aumentar a produtividade. É uma situação privilegiada, comparando com os grandes produtores mundiais como Estados Unidos, União Européia e Nova Zelândia e mesmo com parceiros do Mercosul, como Argentina e Uruguai, que têm qualidade e produtividade superiores. Nesses países, não há espaço para o desenvolvimento como no Brasil, que tem tudo a seu favor: terra e pastagens abundantes, tecnologia facilmente acessível, insumos de qualidade, mão-de-obra farta, boa assistência técnica, produtores ávidos de crescer e principalmente um mercado consumidor subexplorado, fator de extrema importância e muito raro em qualquer outro país. Além disso, com o segundo maior rebanho do mundo (o primeiro é o da Índia), se a produtividade simplesmente dobrar de três para seis litros/dia, o Brasil poderá estar entre os três maiores produtores de leite do planeta.

Alzemar José Delfino é professor do Centro Universitário do Triângulo – Unit – Uberlândia, MG.
Este artigo é parte da dissertação de mestrado defendida na Universidade Mackenzie, SP, sob o título "Um estudo comparativo da pecuária leiteira nos países do Mercosul", no dia 17-6-1999.

Banana

Sonhando com o mercado

O Nordeste pode fazer do Brasil um grande exportador, mas é preciso atender às exigências do mercado

Clóvis Oliveira de Almeida, José da Silva Souza e Miralva de Souza Leal

O Brasil é o segundo produtor mundial de banana, superado pela Índia. Embora grande produtor mundial, sua participação no mercado internacional ainda é marginal. Nos últimos anos, o país tem exportado menos de 1% do que produz. Vários fatores contribuíram para esse desempenho, destacando-se o tamanho do mercado doméstico; a incompatibilidade entre as variedades produzidas no Brasil e as demandadas no mercado externo; o baixo padrão de qualidade da fruta; o custo do crédito e os níveis atrativos de preços para o produto no mercado doméstico.

São Paulo e Santa Catarina são os maiores exportadores da fruta no Brasil. As exportações se destinam basicamente à Argentina e ao Uruguai. A fruta vai para o Uruguai na forma de cachos e para a Argentina em pencas. Recentemente o governo brasileiro proibiu a exportação da fruta sob a forma de cachos.

Mas apesar de se destacarem como os estados brasileiros que mais exportam banana, São Paulo e Santa Catarina destinam ao mercado doméstico a maior parte da produção obtida. Em 1994 apenas 1,4% da produção de banana de Santa Catarina foi exportada.

Competitividade equatoriana

Maior concorrente do Brasil no mercado de banana da América do Sul, o Equador vem aumentando suas exportações para os países do Cone Sul, enquanto diminuem as exportações brasileiras. Uma explicação é que o Equador consegue comercializar banana de melhor qualidade e a menor custo que o Brasil. O Pacto Andino, que estabelece taxação zero na comercialização entre os países participantes (Argentina, Uruguai e Equador) não deve ser ignorado enquanto componente da competitividade equatoriana.

Vantagens oferecidas pelo Equador como estabilidade e competitividade dos preços, garantia de oferta regular, boa apresentação do produto e transporte marítimo em temperatura constante aos poucos levaram a melhor sobre o produto brasileiro.

As condições climáticas do Equador e de outros concorrentes do Brasil, como Venezuela, Colômbia e os países da América Central localizados na região equatorial, favorecem a produção contínua de banana de alto padrão de qualidade e garantem regularidade de oferta, parâmetro importante para chegar ao mercado internacional.

Clima propício

Outras regiões do Brasil poderiam ser incorporadas como zonas de exportação. É grande o potencial da região Nordeste, que oferece excelentes condições climáticas e recursos hídricos. Seria possível desenvolver ali uma bananicultura com baixa incidência de doenças, alta produtividade, oferta regular e as menores distâncias portuárias entre a região e os principais mercados importadores, fazendo do Nordeste uma subzona de comércio com os Estados Unidos e União Européia.

A exemplo da manga e da uva, frutas que o Nordeste consegue exportar com qualidade e competitividade, a banana, fruta mais